

A ABORDAGEM DO RELEVO NO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E DO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA

LUZIMÁRIA RODRIGUES DE OLIVEIRA

Mestra em Geografia pela Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú (PROP GEO-UVA) Sobral, Ceará, Brasil

Email: luzimariarodriguesdeoliveira@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5069-8337>

FRANCISCO NATANIEL BATISTA DE ALBUQUERQUE

Professor titular do Instituto Federal do Ceará (IFCE) e do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (PROP GEO-UVA)

Email: nataniel.albuquerque@ifce.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8588-2740>

Recebido:02/26 Avaliado:05/26 Publicado:06/26

RESUMO

O presente trabalho discute o ensino do relevo no 6º ano do ensino fundamental, tendo como referência a compreensão do relevo como componente físico-natural fundamental para entender as dinâmicas do espaço geográfico. Assim, buscou-se analisar como esse conteúdo é apresentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no livro didático de Geografia utilizado pela escola Maria Dias Ibiapina, localizada na cidade de Sobral, Ceará, considerando as habilidades, conteúdos e abordagens propostas para o ensino e aprendizagem. O trabalho é de caráter qualitativo, onde a metodologia consistiu na leitura e interpretação das orientações da BNCC e na análise da abordagem do relevo no livro didático adotado na referida escola. Os resultados indicam que o componente aparece de forma introdutória em ambos os materiais, destacando conceitos básicos e algumas relações com o espaço geográfico. Na BNCC, o tema é apresentado de maneira geral nas habilidades, priorizando o reconhecimento desses elementos. Já no livro didático, predomina uma abordagem descritiva e pouco aprofundada, com atividades pontuais e limitada contextualização. No entanto, evidencia-se a necessidade de estratégias pedagógicas que contribuam para uma compreensão mais significativa do conteúdo pelos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Relevo; Currículo; Livro Didático.

THE APPROACH TO LANDFORMS IN THE 6TH YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION: AN ANALYSIS OF THE NATIONAL COMMON CURRICULAR BASE AND THE GEOGRAPHY TEXTBOOK

ABSTRACT

This paper discusses the teaching of relief in the 6th grade of elementary school, focusing on the understanding of relief as a fundamental physical-natural component for understanding the dynamics of geographic space. Thus, it sought to analyze how this content is presented in the Brazilian National Common Curriculum Base (BNCC) and in the Geography textbook used by the Maria Dias Ibiapina school, located in the city of Sobral, Ceará, considering the skills, content, and approaches proposed for teaching and learning. The work is qualitative in nature, where the methodology consisted of reading and interpreting the BNCC guidelines and analyzing the approach to relief in the textbook adopted by the school. The results indicate that the component appears in an introductory way in both materials, highlighting basic concepts and some relationships with geographic space. In the BNCC, the theme is presented in a general way in the skills, prioritizing the recognition of these elements. In the textbook, a descriptive and shallow approach predominates, with specific activities and limited contextualization. However, there is a need for pedagogical strategies that contribute to a more meaningful understanding of the content by students.

Keywords: Geography teaching; Relief; Curriculum; Textbook.

EL ABORDAJE DEL RELIEVE EN EL 6.º AÑO DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA: ANÁLISIS DE LA BASE NACIONAL COMÚN CURRICULAR Y DEL LIBRO DIDÁCTICO DE GEOGRAFÍA

RESUMEN

El presente trabajo analiza la enseñanza del relieve en el 6.º año de la educación primaria, teniendo como referencia la comprensión del relieve como un componente físico-natural fundamental para entender las dinámicas del espacio geográfico. En este sentido, se buscó analizar cómo este contenido es presentado en la Base Nacional Común Curricular (BNCC) y en el libro didáctico de Geografía utilizado por la escuela Maria Dias Ibiapina, ubicada en la ciudad de Sobral, Ceará, considerando las habilidades, contenidos y enfoques propuestos para la enseñanza y el aprendizaje. El estudio posee un enfoque cualitativo, cuya metodología consistió en la lectura e interpretación de las orientaciones de la BNCC y en el análisis del abordaje del relieve en el libro didáctico adoptado por la referida institución educativa. Los resultados indican que este componente aparece de forma introductoria en ambos materiales, destacando conceptos básicos y algunas relaciones con el espacio geográfico. En la BNCC, el tema se presenta de manera general a través de las habilidades, priorizando el reconocimiento de estos elementos. En el libro didáctico, predomina un enfoque descriptivo y poco profundizado, con actividades puntuales y una contextualización limitada. Sin embargo, se evidencia la necesidad de implementar estrategias pedagógicas que contribuyan a una comprensión más significativa del contenido por parte de los estudiantes.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía; Relieve; Currículo; Libro didáctico.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da importância de compreender o relevo como componente físico-natural da Geografia Escolar para o desenvolvimento de uma leitura crítica e integrada do espaço geográfico, uma vez que ensinar relevo vai além de apresentar formas da superfície terrestre, mas estimular a compreensão das dinâmicas naturais e sua articulação com as ações humanas, possibilitando ao aluno perceber as inter-relações entre sociedade e natureza.

Todavia, para melhor compreensão deste componente físico-natural, ao levar em consideração a Geografia Escolar, ela “[...] se constitui como sendo aquela efetivamente ensinada na escola, o conhecimento geográfico trabalhado na sala de aula” (Cunha; Leite, 2019, p.505), a qual “[...] se associa à cultura escolar, a uma produção/criação própria das escolas e das práticas docentes, da organização dos sistemas de ensino, das relações e tensões entre as escolas e as sociedades [...]” (Del Gaudio, 2013, p.44).

Logo, essa Geografia no contexto do ensino básico é um conhecimento diferente da Geografia Acadêmica, haja vista ser uma criação particular e original da escola, que responde às finalidades sociais que lhe são próprias, o que possui uma significativa contribuição em meio ao processo de formação dos alunos da Educação Básica., dessa forma, entender a maneira como o relevo é ensinado neste nível de ensino se fez necessário.

Para tanto, o objetivo do trabalho foi analisar dois documentos/materiais que de certa forma se complementam, o primeiro referente a análise da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), documento normativo que orienta a organização dos currículos da Educação Básica em todo o território nacional. Com isso foi tomado como base as discussões apontadas por Pinheiros e Lopes (2021) sobre a BNCC.

Essa análise foi fundamental para compreender quais competências e habilidades são previstas para o ensino dos componentes físico-naturais, com ênfase no relevo, especialmente no 6º ano do ensino fundamental, uma vez que essa investigação permitiu identificar como o conteúdo é abordado de maneira oficial, quais são os objetivos de aprendizagem propostos e de que forma esses direcionamentos podem dialogar com a prática pedagógica desenvolvida ao longo da pesquisa.

O segundo, trata-se da análise do livro didático utilizado pelo professor de Geografia do 6º ano da escola Maria Dias Ibiapina, com base em trabalhos de Pontuschka, Paganelli e

Cacete (2009) e Costella (2017). Esse livro escolhido tem como título *SuperAÇÃO Geografia* escrito por Valquiria Garcia, Rogério Martinez e Wanessa Garcia no ano de 2022, o qual faz parte da 1ª edição da Editora Moderna de São Paulo. O objetivo dessa análise foi identificar de que forma o conteúdo referente ao relevo é abordado no material, observando o tratamento que é dado aos conceitos geográficos e às representações do relevo.

Com isso, a análise seguiu uma abordagem qualitativa, a qual buscou considerar os seguintes critérios: observar a definição do conceito de relevo; como os autores relacionaram esse conceito aos demais componentes físico-naturais e se houve possíveis conexões entre o conteúdo abordado e o cotidiano dos alunos. Essa foi uma etapa interessante, tendo em vista que nos possibilitou compreender se o livro didático contribui ou limita a construção do conhecimento dos alunos sobre o relevo.

O RELEVO COMO COMPONENTE FÍSICO-NATURAL DO ESPAÇO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Partindo da perspectiva de que a Geomorfologia é a “ciência que estuda as formas de relevo [...]” (Christofolletti, 1980, p. 01), e que essas formas representam a expressão espacial de uma superfície, as quais compõem as diferentes configurações da paisagem morfológica. Pode-se afirmar que “as formas de relevo constituem o objeto de estudo da Geomorfologia [...]” (Marques, 1994, p.23), e assim entende-se que para alcançar o conhecimento do que essas formas são e representam no espaço geográfico, se faz necessário identificá-las em diferentes escalas espaciais e temporais, levando em consideração a sua origem e evolução, tendo em vista que

[...] há formas de relevo que nos parecem *estáticas*: parecem ser muito antigas, com o mesmo aspecto há muitos anos. Outras formas parecem-nos *dinâmicas*, porque vimos quando surgiram ou acompanhamos mudanças que ocorreram em seu aspecto. Mas o fato de não percebermos as mudanças no formato das rochas ou das formas de relevo não significa que estejam paradas. Nada está estático na natureza, tudo está em processo de transformação (Afonso *et al.* 2014, p.51).

Por vezes, “as formas de relevo podem transmitir a falsa ideia de que são componentes independentes na paisagem” (Marques, 1994, p. 27), devido terem sido esculpidas pela ação de determinado processo ou grupo de processos, Christofolletti (1980), as quais possuem relações com outros componentes do ambiente, que promovem ações que são induzidas por influências mútuas, por exemplo, quando as formas do relevo podem influenciar e alterar o fluxo da água de rios ou o crescimento da vegetação que em maior ou menor intensidade reflete no todo ambiental ou em suas partes.

Assim, Marques (1994) reforça a ideia de que a criação e evolução das formas de relevo não são dissociadas da presença e participação dos demais componentes do ambiente. O relevo é uma parte integral de um sistema ambiental maior, onde há interações contínuas entre todos os componentes, e que a paisagem é o resultado de um equilíbrio dinâmico entre esses fatores (Christofolletti, 1980).

A formação e evolução do relevo ao longo do tempo são influenciadas e também influenciam outros aspectos do ambiente fazendo com que ele seja considerado um dos principais componentes físico-naturais que possui um papel importante quando se trata da modelagem do ambiente e da construção das paisagens terrestres, o qual é compreendido como sendo

[...] as diferentes formas e aspectos da superfície da crosta terrestre, ou seja, o conjunto de desnivelamentos da superfície do globo. Em topografia, o relevo é definido como a diferença de cota ou altitude existente entre um ponto e outro,

porém, na geologia e na geomorfologia, é um termo descritivo, sujeito à explicação e interpretação de sua formação e de sua paisagem. (Guerra; Guerra, 2011, p.63).

Assim, caracteriza-se em meio às diversas transformações que ocorrem na superfície, influenciando diretamente os processos naturais, como o clima, hidrografia, vegetação, e os sociais como o uso e ocupação do solo, agricultura, exercendo um impacto significativo nas atividades humanas. Compreender as formas de relevo e suas interações faz parte da análise da Geografia, uma vez que revela como os fatores físicos e sociais estão interligados na organização do espaço.

Dessa forma, o ensino do relevo na educação básica é de fundamental importância para a compreensão dos processos físicos e sociais que moldam o ambiente terrestre. No entanto, abordar esse tema de forma eficaz nas salas de aula representa um desafio tanto para professores quanto para alunos, uma vez que

Na Educação Básica o estudo sobre relevo como conteúdo de Geografia é de suma importância para se entender a dinâmica entre sociedade e natureza, sendo necessário considerar a complexa gama estrutural que envolve esses elementos. É preciso pensar as cidades, o campo e as áreas de preservação a partir de uma única cadeia de acontecimentos, de forma que os desequilíbrios gerados em uma dessas composições podem influenciar em todas as demais, causando um “efeito dominó” (Feltrin, 2021, p.22).

Desse modo, ao ser trabalhado em sala de aula, o relevo é considerado um dos conteúdos mais difíceis de ser compreendido pelos estudantes ao ser abordado apenas através do livro didático bem como discute Bertolini (2010), quando coloca em questão algumas lacunas encontradas quando se trata da abordagem do relevo apenas através do livro didático, são elas:

(i) Abordagem predominantemente macroescalar do relevo – montanhas, planaltos, planícies e depressões. (ii) Inadequação no emprego de certos termos, como vertente, erosão, assoreamento, intemperismo. (iii) Pouca correlação entre as dinâmicas do meio ambiente. Por exemplo, não ficam claras as relações existentes entre os solos e o relevo quando, no modelado de detalhe, ambos sistemas são vistos como um só. (iv) Lacunas textuais e falta de clareza no que se refere às explicações processuais da dinâmica do relevo. (v) Correlação insuficiente entre a linguagem gráfica e a linguagem escrita. (vi) Noção de relevo marcadamente associada à de espaço natural. (Bertolini, 2010, p.05).

Em uma perspectiva semelhante, Jesus (2017) frisa que geralmente o conteúdo é apresentado com foco nas suas macroformas, ou seja, é exposto aos discentes apenas o seu aspecto aparente, negligenciando fatores históricos e sociais essenciais para sua compreensão. Assim, estudar o relevo considerando apenas um tipo de abordagem, além de dificultar a compreensão desse componente, também não oportuniza articulação desse conteúdo com a vivência dos alunos. Por isso,

[...] é preciso ter em mente que sua compreensão deve ir além da aparência, buscando, por exemplo, compreender os motivos pelos quais ele se apresenta de forma íngreme ou plana. Ensinar assentado nessa concepção significa ensinar visando o desenvolvimento de aprendizagens para além do conteúdo em si. Para que isso ocorra, os saberes precisam ser concebidos baseados tanto na experiência de vivência dos alunos, quanto na dos professores e da comunidade escolar, experiência esta que se apresentam a partir das inúmeras trajetórias trazidas pelo dinamismo dos fenômenos naturais, sociais, culturais e históricos (Jesus, 2017, p.55).

Somado a esta concepção, Bertolini (2010), reitera que o ensino do relevo deve ir além do livro didático, tendo em vista que se trata de um conteúdo que inclui o estudo de vales, colinas, montanhas, planaltos, planícies e outros elementos geográficos, sendo um assunto de fundamental importância para se compreender os aspectos sociais e naturais.

Seu entendimento passa pela compreensão da paisagem como um todo e, através do seu estudo, é possível perceber em que medida outros aspectos naturais – tais como o solo, o clima, a hidrografia e a vegetação – se inter-relacionam na esculturação das diferentes formas da superfície terrestre e o que essas inter-relações acarretam à sociedade (Bertolini; Valadão, 2009, p. 27).

É necessário que o relevo seja abordado em sala de aula de uma forma dinâmica, que chamem atenção dos alunos e os façam compreender a sua importância no âmbito da Geografia, devido ser um conceito abstrato que envolve a representação tridimensional da Terra, logo, visualizar e compreendê-lo, para alguns estudantes, pode ser desafiador. Dessa forma,

Analisar ensino do conteúdo relevo na Educação Básica se justifica, inicialmente, por considerar que este pode contribuir para que o aluno compreenda uma série de processos (alagamento, erosão, percolação da água no solo, entre outros) que ocorrem na cidade, no bairro, na rua em que reside, os quais podem influenciar suas práticas espaciais, e até mesmo de outras pessoas localizadas à sua volta ou mais distantes (Novais, 2018, p.11).

Todavia, existem alguns empecilhos que contribuem para que o ensino do conteúdo relevo se torne desinteressante e que fazem com que os alunos não consigam compreender a importância da aprendizagem em torno deste componente físico-natural, a exemplo,

A escala de abordagem adotada nos livros didáticos para apresentação do relevo tem se baseado, sobretudo, no tratamento de conceitos e classificações que tornam visíveis apenas as macrounidades do relevo brasileiro (planície, planalto e depressão), as quais, via de regra, não tomam como ponto de partida ou de chegada o espaço vivido pelo aluno, os processos e condições ambientais do contexto em que esse está inserido (Novais, 2018, p.12).

Desse modo, com o foco limitado nas macroformas, o ensino deste componente, por vezes, não é associado com as microformas que se fazem presentes na realidade dos alunos, o que dificulta a compreensão dos estudantes em relação à temática em questão. Segundo Novais (2018), essa dificuldade em conectar o conteúdo com a realidade dos alunos, depende dos materiais didáticos que são utilizados pelos professores bem como reflete na sua formação inicial, se de fato, os mesmos estão preparados para ensinar este conteúdo de forma dinâmica e interativa.

Ao colocar em questão o papel do professor, Novais (2018) reflete sobre as dificuldades enfrentadas por estes profissionais em meio a abordagem deste componente físico-natural, se levar em consideração, especialmente, o tempo de aula insuficiente, a inadequação de materiais didáticos que possibilite uma abordagem de maior detalhe das formas, a falta de formação específica para ensinar o relevo bem como a falta de espaços físicos (laboratórios) que permitam trabalhar, por exemplo, com mapas temáticos. Assim, pode-se destacar a importância de uma base teórico-metodológica sólida que permita o professor sair da superficialidade no ensino do relevo e se aprofundem mais na abordagem das microformas.

Diante essas lacunas, de acordo com Bertolini e Valadão (2009) entende-se que o ensino do relevo muitas vezes se concentra, em maior parte, voltado a compreensão para as grandes formas, fazendo com que haja uma visão superficial e simplificada do conteúdo, não dando importância e sentido para detalhes menores ou dinâmicas locais que de certa forma fazem parte do contexto maior. Se sua abordagem for realizada dessa forma, ocasiona problemas no ensino e aprendizagem do estudante, uma vez que não permite que os alunos entendam as particularidades do relevo em diferentes escalas.

Por isso, é importante que o docente consiga explicar aos alunos os termos de maior escala como de vertente, erosão, assoreamento e intemperismo, por meio de exemplos práticos utilizando vídeos e recursos que demonstrem simulações, para que os alunos passem a entender os processos de formação e transformação do relevo de forma geral, pois se houver o ensinamento de forma isolada do relevo em relação aos outros componentes físico-naturais, isto pode fazer com que os alunos não entendam a relação dinâmica que há entre os componentes, o que é fundamental para a compreensão das transformações e processos ambientais.

Nesse contexto da escala espacial, Albuquerque (2023) propõe a utilização de modelos didáticos tridimensionais concretos, em especial, as maquetes topográficas ou de relevo, além da geobox (Albuquerque, 2022) como recursos didáticos capazes de conferir concretude, noção de conjunto, além de simplificar algumas feições e dinâmicas complexas de serem compreendidas na abordagem do relevo na Educação Básica.

Segundo Bertolini (2010) outro problema apontado é a falta de clareza ao tratarem sobre essa temática que por vezes, são apresentados apenas através de textos, o que torna a explicação limitada e insuficiente. Propõe-se, portanto, que o conteúdo que envolve a dinâmica do relevo pode ser explicado por meio de recursos visuais que facilitem a compreensão, como gráficos e vídeos que ilustram os processos. Todavia, deve-se ter cuidado ao fazer esse tipo de abordagem, uma vez que há uma correlação insuficiente entre a linguagem gráfica e a escrita, essa falta de coerência dificulta o entendimento dos estudantes, então deve-se usar outros meios que contribuam, como mapas, fotos, diagramas, recursos tecnológicos, entre outros.

É preciso mostrar aos alunos que o relevo é transformado e influenciado tanto pelos processos naturais quanto pelas ações humanas (Ferreira; Lima, 2024) e assim, quebrar essa visão limitada de que ele é um componente exclusivamente natural, pelo contrário, ele sofre influências de todas as partes, sendo modificado por meio de construção de casas, prédios, rodovias e estradas. Assim, dar ênfase à relação do relevo com a sociedade permite que os estudantes deixem de acreditar na noção de que o mesmo é um componente marcadamente associado apenas à de espaço natural.

Assim, Bertolini (2010) lança uma proposta que visa explorar maneiras para entender como os conceitos referentes ao relevo devem ser apresentados, partindo do pressuposto básico de que não se trata de ensinar o relevo apenas explicando as suas formas, mas sim mostrar como os diferentes ritmos da natureza regem o sistema geomorfológico e como a dinâmica do relevo influencia a organização natural e socioambiental do espaço.

Morais (2011) discute a fragmentação do conteúdo nas aulas de Geografia, que além do solos e rochas, o relevo é tratado como uma temática isolada e a falta de articulação entre os componentes físico-naturais e a realidade local dos alunos é uma das principais barreiras a ser superada pelos professores para a compreensão clara dos conceitos geográficos. Assim, quando abordados apenas por meio do livro didático,

[...] Esses conteúdos comumente são apresentados de forma estanque, desconsiderando a visão de processo e a sociedade é inserida como um elemento

secundário [...] como esse material didático é o principal recurso utilizado pelo professor para encaminhar o processo de ensino e aprendizagem, esta será também uma das perspectivas potencialmente adotadas no ensino desses conteúdos, sobretudo quando o tema são rochas e o relevo (Morais, 2011, p. 253).

Somado a deficiência na formação docente, a falta de materiais didáticos, a dificuldade em integrar os aspectos físicos e sociais e a ausência de atividades práticas que tornem o ensino dos componentes mais envolvente. Dessa forma, Morais (2011) coloca em questão que o distanciamento entre o que se aprende nos cursos de formação de professores e a aplicação na educação básica é um dos principais problemas encontrados quando trata-se da formação dos professores em relação aos componentes.

Assim, parte da perspectiva de que a abordagem dos componentes físico-naturais deve ser feita através da compreensão da realidade dos alunos, as quais envolve os problemas do seu cotidiano para que assim eles entendam as dinâmicas que ocorrem entre o solo, as rochas e o relevo, tendo em vista que na educação básica apresentam deficiências na abordagem, devido nos livros didáticos o tratamento deste conteúdo ter uma perspectiva naturalista.

Seguindo essa linha de pensamento, Ferreira (2016) ao investigar se o conteúdo relevo, na forma como está escolarizado, permite que o aluno faça a relação do conhecimento construído em sala de aula e o aplique em situações da sua vivência, coloca em questão algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos, em especial, do 6º ano do ensino fundamental anos finais, bem como ressalta,

[...] Conjecturei que tais dificuldades estariam associadas às dificuldades em raciocinar no tempo geológico, a possível não realização de trânsitos escalares e, em decorrência, a incompreensão de que existem formas dentro de outras formas (Ferreira, 2016, p.16).

Desse modo, o que se percebe é que as dificuldades que os alunos apresentam em identificar o componente relevo nos diferentes espaços os limitam a perceberem as articulações existentes entre os componentes, revelando que a visão do todo ainda não acontece. Com isso, não compreendem que a formação de um relevo possui relação com os processos de outra forma., e assim sucessivamente. O que reforça a concepção de que as maiores dificuldades que os alunos apresentam está “[...] na assimilação da noção de tempo geológico, da escala temporal de processos que envolvem a macroescala” (Ferreira, 2016, p.62) bem como na questão de reconhecer o relevo como componente do espaço construído/urbano.

Por fim, esses empecilhos/lacunas/dificuldades encontradas quando se trata do ensino do relevo reforçam a necessidade de uma abordagem pedagógica que transcenda a mera observação deste componente físico-natural, se faz necessário práticas que integre as noções de tempo geológico como também de escala, para que assim os alunos possam compreender que o relevo não é um elemento isolado, mas que sua formação e transformação estão diretamente ligadas aos processos que acontecem entre diferentes componentes da paisagem.

A ABORDAGEM DO RELEVO NA BNCC E NO LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DO 6º ANO

Partindo do pressuposto de que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

[...] não é propriamente um currículo. Entretanto, [...], ao se constituir como referência obrigatória que norteará o decurso de construção dos currículos das escolas, redes públicas e privadas de ensino de todo território nacional, impõe-se

aos pesquisadores da área um olhar crítico e profundo sobre ela (Pinheiros; Lopes, 2021, p.03)

Vale salientar que, para além, das diretrizes relacionadas aos conteúdos e conceitos geográficos apresentados pelo documento, a BNCC recebe várias críticas relacionadas a promoção de um ensino de Geografia, a partir de uma lógica neoliberal de compreensão da educação (Lima; Teles; Copatti, 2025).

No nosso contexto de pesquisa, se fez necessário fazer uma análise da BNCC de Geografia do 6º ano, haja vista na visão dos autores ser “[...] mister analisá-la, contextualizá-la e compreendê-la [...]” (Pinheiros; Lopes, 2021, p.03), com isso é possível destacar que ela é composta por cinco unidades temáticas, seis objetos de conhecimento e 13 habilidades, como mostra o Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 - Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Geografia do 6º ano

Unidade Temática	Objeto de Conhecimento	Habilidades
O sujeito e seu lugar no mundo	Identidade sociocultural	(EF06GE01) – Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos. (EF06GE02) – Analisar modificações de paisagens por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos originários.
Conexões e Escalas	Relações entre os Componentes físico-naturais	[EF06GE03] – Descrever os movimentos do planeta e sua relação com a circulação geral da atmosfera, o tempo atmosférico e os padrões climáticos. [EF06GE04] – Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal. [EF06GE05] – Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais.
Mundo do trabalho	Transformação das paisagens naturais e antrópicas	(EF06GE06) – Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização. (EF06GE07) – Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.
Formas de representação e pensamento espacial	Fenômenos naturais e sociais representados de diferentes maneiras	(EF06GE08) – Medir distâncias na superfície pelas escalas gráficas e numéricas dos mapas. (EF06GE09) – Elaborar modelos tridimensionais , blocos-diagramas e perfis topográficos e de vegetação, visando à representação de elementos e estruturas da superfície terrestre.

Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade e ciclo hidrológico	(EF06GE10) – Explicar as diferentes formas de uso do solo (rotação de terras, terraceamento, aterros etc.) e de apropriação dos recursos hídricos (sistema de irrigação, tratamento e redes de distribuição), bem como suas vantagens e desvantagens em diferentes épocas e lugares. (EF06GE11) – Analisar distintas interações das sociedades com a natureza, com base na distribuição dos componentes físico-naturais, incluindo as transformações da biodiversidade local e do mundo. (EF06GE12) – Identificar o consumo dos recursos hídricos e o uso das principais bacias hidrográficas no Brasil e no mundo, enfatizando as transformações nos ambientes urbanos.
	Atividades humanas e dinâmica climática	(EF06GE13) – Analisar consequências, vantagens e desvantagens das práticas humanas na dinâmica climática (ilha de calor etc.).

Fonte: Brasil (2017) adaptado pela autora da pesquisa (2025)

Esse documento estabelece um conjunto de competências e habilidades que devem ser trabalhadas no 6º ano do ensino fundamental anos finais, que se voltam à compreensão inicial dos componentes físico-naturais. Assim, em específico, neste nível de ensino a BNCC orienta que os alunos desenvolvam a capacidade de ler, escrever, interpretar e produzir diferentes formas de representação do espaço, seja por meio de mapas, perfis topográficos como até mesmo através de modelos tridimensionais.

Dessa forma, considerando a amplitude de conteúdos previstos para o 6º ano, é importante destacar que nesta pesquisa, o foco recai sobre a relação entre a unidade *Conexões e Escalas* que aborda o relevo e a unidade *Formas de representação e pensamento espacial* que trata dos modelos tridimensionais, bem como dos blocos-diagramas, perfis topográficos e de vegetação, a fim dos alunos conseguirem interpretar mapas altimétricos e compreenderem os processos internos e externos de formação da paisagem e a elaboração das representações tridimensionais presentes no espaço geográfico.

Assim, busca-se compreender de que maneira o livro didático utilizado pela escola em que foi realizada a pesquisa, apresenta esses conteúdos e como isso dialoga diretamente com as habilidades previstas pela BNCC, estabelecendo o que for necessário para justificar a proposta metodológica escolhida de trabalhar com as maquetes no ensino do relevo. Para tanto, na unidade temática de *Conexões e Escalas*, seu objeto de conhecimento é voltado para as relações entre os componentes físico-naturais e assim divide-se em três habilidades, a primeira EF06GE03, a segunda EF06GE04, e a terceira EF06GE05.

Esta última, orienta que os estudantes do 6º ano devem ser capazes de relacionar os padrões climáticos, tipos de solo, relevo e formações vegetais, e assim conseguirem identificar os principais tipos de relevos do Brasil e do mundo, relacionando-os às dinâmicas naturais e às ações humanas. Isso significa que o ensino do relevo deve ir além da simples memorização de nomes ou formas, promovendo uma compreensão dos processos geológicos que modelam a superfície terrestre, a exemplo do tectonismo, da erosão e do intemperismo, como mostra o Quadro II.

Com isso, a BNCC propõe que esse conteúdo seja trabalhado de forma contextualizada, permitindo que os alunos percebam como as características do relevo

influenciam e são influenciadas pelas atividades humanas, a exemplo: a agricultura, a urbanização e a construção de infraestruturas. Dessa forma, o estudo do relevo contribui para o desenvolvimento do pensamento geográfico, ao articular elementos da natureza e da sociedade na construção e na transformação das paisagens.

Essa abordagem está em consonância com as contribuições de Cavalcanti (2002, 2012, 2024), que defende um ensino de Geografia pautado em uma didática crítica, na qual o relevo deve ser trabalhado de forma contextualizada, articulando os saberes escolares com as experiências concretas dos alunos.

Para a autora, é fundamental que o estudo do relevo contribua para a interpretação do espaço em que os sujeitos estão inseridos, permitindo que eles percebam como as formas do terreno influenciam e são influenciadas pelas dinâmicas tanto sociais quanto econômicas e culturais. Para que assim, o relevo deixe de ser visto apenas como sendo um conteúdo físico-natural e passasse a ser compreendido como parte integrante da construção do território e da vivência cotidiana dos alunos.

Se for colocado isso no contexto do município de Sobral, Ceará, esse conteúdo pode ser explorado através da análise de feições geomorfológicas do contexto local e regional, como a Serra da Meruoca e o Rio Acaraú. Primeiro, porque a Serra da Meruoca representa uma importante formação de relevo do tipo maciço residual, composta por rochas antigas e elevadas que influenciam diretamente o clima, a vegetação e o uso do solo na região. E segundo, porque o Rio Acaraú que atravessa a cidade está associado aos processos fluviais que modelam o relevo e contribuem para a formação de planícies aluviais ao longo de seu curso.

Assim, a abordagem desses elementos geográficos locais permite aos alunos compreenderem de forma concreta e significativa como as formas do relevo se constituem e se transformam, além de perceberem a relação entre a dinâmica natural e as ações humanas no espaço em que vivem. Pode-se destacar que na visão de Porto-Gonçalves (2004) o ensino de Geografia, especialmente nos anos finais do ensino fundamental, desempenha um papel essencial na compreensão dos componentes físico-naturais, entre eles o relevo. Haja vista, que essa abordagem possibilita aos estudantes o desenvolvimento de uma percepção crítica do meio em que vivem, que na visão de Cavalcanti (2002, 2019) ao mesmo tempo em que promove a articulação entre os conceitos teóricos e a realidade local.

Dessa forma, compreende-se que o relevo, enquanto expressão morfológica da superfície terrestre, está diretamente relacionado a diversos fatores naturais e humanos e, por isso, deve ser explorado em sala de aula como parte integrante da dinâmica espacial. De acordo com Ab'Saber (2003), o meio mais apropriado para essa análise seria considerar o relevo sob uma perspectiva local, favorecendo o reconhecimento do espaço de vivência dos alunos, estimulando o protagonismo discente e a valorização dos saberes territoriais.

Ao colocar em questão o município de Sobral, apresenta um relevo diversificado, caracterizado principalmente pela presença da Serra da Meruoca, que atinge altitudes superiores a 800 metros, contrastando com as áreas mais baixas e planas do Rio Acaraú, que segundo Claudino-Sales (2022) possui uma geomorfologia marcada por formações cristalinas, inselbergs e depressões sertanejas, o que a torna um espaço propício para o estudo integrado dos componentes naturais.

Diante disso, se faz necessário interpretar o relevo não de forma isolada, mas levando em consideração a sua interação com o clima, o solo, a vegetação e hidrografia, favorecendo uma abordagem mais sistêmica e interdisciplinar no ensino, porém, fazer isso coloca o professor em meio a alguns desafios, entre eles ter disponível como principal recurso didático de trabalho apenas o livro didático. Partindo da perspectiva de que

Os livros didáticos estão presentes cotidianamente em muitas salas de aula em diferentes lugares do mundo, sendo considerado um artefato propriamente escolar e que possui – mesmo com todos os debates que se inserem referente a sua utilização, estruturação e mercantilização – grande importância para estudantes e professores (Santos; Luiz, 2019).

Os autores enfatizam que esse recurso didático é um elemento constante da prática docente que se torna independente das condições locais que tanto o professor quanto o aluno estejam inseridos. Devido ao fato de ser considerado de “artefato propriamente escolar”, Santos e Luiz (2019) indicam que o livro didático foi criado, pensado e desenvolvido especificamente para o espaço educativo, não sendo um objeto externo que foi adaptado à sala de aula, mas sim como parte construtiva deste espaço escolar.

As críticas surgem em relação a este recurso, os autores ressaltam que existem muitas discussões que abordam isto, ao fato de se referirem a sua utilização quando trazem a reflexão de até que ponto o professor depende ou não dele, a sua estruturação quanto à forma como os conteúdos são organizados neste material e até mesmo a sua mercantilização que já se volta ao caráter comercial e competitivo das editoras.

Todavia, Santos e Luiz (2019) reforçam que apesar das críticas e debates sobre seu uso, o livro didático continua sendo um recurso essencial e amplamente utilizado na prática escolar, seguindo desempenhando um papel muito importante tanto para o professor quanto para os alunos.

Em uma linha de pensamento semelhante Castrogiovanni e Goulart (1988) em sua obra “*A questão do livro didático em Geografia: elementos para uma análise*”, os autores fazem uma reflexão crítica sobre o papel desse recurso no ensino de Geografia. Eles partem do pressuposto que

O livro didático frente às atuais condições de trabalho do professor de Geografia, torna-se cada vez mais um instrumento, senão indispensável, pelo menos necessário como complemento às atividades didático-pedagógicas, devendo ser utilizado apenas como um dos materiais entre tanto disponíveis (Castrogiovanni e Goulart, 1988, p.17)

Neste viés discutem como o livro didático é utilizado diante do processo de ensino e aprendizagem, haja vista ser o principal, e às vezes único, recurso pedagógico disponibilizado para os professores. Assim, os autores propõem uma análise do conteúdo presente nesses materiais, questionando de que forma eles podem contribuir em relação a construção de visões de mundo por parte dos alunos, nas suas concepções de espaço e abordagens teóricas que, por vezes, não sendo explorados de maneira adequada, podem limitar uma compreensão crítica da realidade geográfica.

Dessa forma, ao se referir ao livro didático de Geografia, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 342 – 343), reafirmam que “o livro didático de geografia não pode apresentar-se como um conjunto de informações sem nexos ou correlações. [...] ele pode não contribuir para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a enriquecer sua visão de mundo mediante estudos geográficos”. Ou seja, esse recurso didático não pode ser um compilado de conteúdos desconexos que vise apenas a memorização de conceitos, nomes e definições, é preciso estabelecer as relações espaciais, escalares e processuais presente nele.

Desse modo, as autoras ressaltam que quando o livro apresenta o relevo, por exemplo, apenas como classificações de planalto e planície como é o mais comum ser abordado através das macroformas, sem relacioná-lo às dinâmicas naturais e sociais, o componente estudado perde a função pedagógica. Assim, a falta de nexos impede que os alunos compreendam as interações entre o clima, solo, vegetação, uso da terra e a própria forma de relevo.

Meneguzzo e Meneguzzo (2014) confirmam que essa problemática permanece recorrente, ao identificarem no seu trabalho intitulado “*Relevo Terrestre nos Livros Didáticos de Geografia do 6º Ano do Ensino Fundamental*”, que grande parte dos livros didáticos do 6º ano ainda adotam uma perspectiva tradicional, centrada em descrições superficiais e classificações mais rígidas. Assim levando em consideração que o livro didático é de fato um dos principais recursos de referência utilizado pelos professores de Geografia, desde a elaboração dos seus planos de aula anuais até como sendo um instrumento didático-pedagógico a ser utilizado em sala de aula, os autores evidenciam a urgência de abordagens que promovam criticidade, contextualização e articulação entre os componentes físico-naturais no ensino de Geografia.

O livro didático analisado tem como título *SuperAÇÃO Geografia*, e foi escrito por Valquiria Garcia, Rogério Martinez e Wanessa Garcia no ano de 2022, fazendo parte da 1ª edição da Editora Moderna de São Paulo. Esse material considera os critérios estabelecidos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que enquanto política pública é responsável por avaliar e selecionar as obras aptas a serem utilizadas nas escolas públicas brasileiras. Desse modo, o livro em questão integra ao catálogo aprovado pela PNLD do ciclo de 2024, onde sua estrutura e abordagem são influenciadas pelas diretrizes desse programa, especialmente, ao que se refere a sua adequação à BNCC.

De forma geral, a obra é composta por 23 capítulos divididos em 8 unidades. Possui uma linguagem clara e objetiva para o público do 6º ano, oferecendo explicações acessíveis sem perder o rigor conceitual. Assim, apresenta atividades diversificadas que incluem questões de interpretação, as quais incentivam uma aprendizagem ativa. Há ainda seções especiais voltadas para o professor, como indicado em partes do material destinadas ao Manual Docente, por exemplo, nos trechos “Fique atento!” e “Para saber mais”, destacando conexões entre os conteúdos e as habilidades da BNCC.

Em linhas gerais, a perspectiva adotada por Garcia, Martinez e Garcia (2022) é compatível com as orientações da BNCC e adequada ao nível de ensino para o qual se destina que são os alunos do 6º ano. Para tanto, partindo dessa compreensão geral da obra, é válido trazer a discussão para uma forma mais aprofundada, a exemplo, como o livro trata cada um dos componentes físico-naturais, em especial o relevo. Essa abordagem é feita na Unidade 3 na sessão 8 “*O relevo terrestre*” com o objetivo de compreender em que medida essa unidade temática dialoga com a BNCC e contribui para a formação do pensamento espacial dos alunos.

Os principais objetivos da sessão são “Identificar as principais formas do relevo terrestre; reconhecer o mapa altimétrico como um tipo de mapa temático e verificar como é construído um perfil do relevo” (Garcia, Martinez e Garcia, 2022, p.100). Assim, inicia destacando que as formas de relevo resultam da dinâmica constante da Terra, reforçando que tais feições estão sempre em transformação ao longo do tempo. Essa afirmativa dialoga diretamente com a habilidade EF06GE01 que orienta a compreensão das mudanças das paisagens.

Esse recurso didático apresenta fotografias de formas variadas de relevo e suas localizações no Brasil, como a planície no município de Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, em 2021 e o planalto no município de Bom Jardim da Serra, em Santa Catarina, em 2020. O livro de certa forma facilita a identificação visual das formas e incentiva o aluno a observar padrões na paisagem. A sessão 8 ainda inclui questões que estimulam a fixação do conteúdo, tanto para o conteúdo do relevo quanto para a explicação dos mapas altimétricos e perfis topográficos que também são discutidos no decorrer da sessão.

Assim, conclui-se que apesar da sessão tentar fazer a articulação conceitual e metodológica, nele ainda o relevo é tratado predominantemente como sendo um componente

físico-natural com pouca integração às dinâmicas sociais. Essa é uma limitação no diálogo com a habilidade EF06GE11, a qual orienta a análise das interações sociedade e natureza. Assim, por meio do Quadro 2 é possível analisar a maneira que os conceitos são tratados no livro, de forma simples com uma definição direta e uma abordagem exemplificativa apenas através de imagens.

Quadro 2 - Livro Didático de Geografia SuperAÇÃO e conceitos geomorfológicos.

Conceitos	Definição	Abordagem
Relevo	“A ação da água, do vento, do calor do Sol, entre outros fatores, resultou nas diversas formas atuais do relevo terrestre. Essas formas estão em constante transformação. E é sobre isso que vamos estudar: as principais formas de relevo da Terra” (Garcia, Martinez e Garcia, 2022).	Apenas descrição
Planícies	“As planícies são formadas por processos de sedimentação, ou seja, de deposição de sedimentos vindos de áreas mais elevadas [...]”(Garcia, Martinez e Garcia, 2022, p.100).	Amostra de imagem
Planaltos	“Os planaltos são formas de relevo resultantes dos processos de desgaste ou de erosão das rochas. Nos planaltos, esse processo é intenso e supera o processo de sedimentação [...]” (Garcia, Martinez e Garcia, 2022, p. 100).	Amostra de imagem
Depressões	“As depressões são áreas de altitudes inferiores aos terrenos ao seu redor. Sua superfície normalmente é plana em razão da ação dos processos erosivos. As depressões podem ser de dois tipos: relativa e absoluta [...]” (Garcia, Martinez e Garcia, 2022, p.101).	Amostra de imagem
Montanhas	“As montanhas são as formas de relevo de maior altitude da superfície terrestre. Elas são formadas por forças provenientes do interior do planeta que, ao deformarem a superfície terrestre, originam grandes elevações no relevo [...]” (Garcia, Martinez e Garcia, 2022, p. 101).	Amostra de imagem
Relevo Oceânico	“Assim como os continentes, as porções da superfície terrestre cobertas por águas oceânicas também têm diferentes formas de relevo. Chamamos de relevo oceânico o conjunto dessas formações de relevo” (Garcia, Martinez e Garcia, 2022, p. 106).	Amostra de imagem e descrição de outros conceitos

Fonte: Garcia, Martinez e Garcia (2022), organizado pela autora da pesquisa (2025).

Após a apresentação dos principais conceitos de relevos trabalhados pelo livro didático como mostrado anteriormente no Quadro 2, torna-se possível avançar para uma análise comparativa entre o conteúdo proposto pela obra e as orientações estabelecidas pela BNCC do 6º ano, buscando verificar em que medida o livro incorpora e desenvolve as habilidades previstas para esse nível de ensino, especialmente aquelas relacionadas à compreensão dos componentes físico-naturais. Dessa forma, em meio ao que foi identificado na sessão 8 é possível analisar através do Quadro 3, as possíveis lacunas entre o que orienta o documento normativo BNCC e o que o material didático efetivamente apresenta.

Quadro 3 - Relação entre a BNCC de Geografia do 6º ano e o livro didático SuperAÇÃO

Habilidade BNCC (6º ano Geografia)	O que a BNCC estabelece:	Como o livro aborda:	Nível de atendimento:
EF06GE01	Analisar mudanças na paisagem ao longo do tempo.	Apresenta processos de erosão, sedimentação e ação de agentes externos, mostrando a transformação contínua do relevo.	Atende parcialmente
EF06GE04	Reconhecer componentes da morfologia das bacias hidrográficas.	A sessão 8 fornece base conceitual (altitudes, formas de relevo) para o estudo da hidrografia na sessão seguinte.	Atende indiretamente
EF06GE05	Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, relevo e vegetação.	Apresenta os processos naturais do relevo, mas não aprofunda relações com clima, solo ou vegetação neste capítulo.	Atende parcialmente
EF06GE08	Medir distâncias pelas escalas gráficas e numéricas.	Não é foco da sessão de relevo. Aparece apenas na Unidade de Cartografia.	Não se aplica a sessão
EF06GE09	Elaborar modelos tridimensionais, blocos-diagramas e perfis topográficos.	O livro traz mapa altimétrico, perfil topográfico e exercícios que pedem interpretação e construção de perfis.	Atende plenamente
EF06GE11	Analisar interações sociedade e natureza com base nos componentes físico-naturais.	Aborda o relevo como componente físico-natural, incentiva observar o município, mas não aprofunda usos sociais, impactos ou riscos.	Atende parcialmente

Fonte: Adaptado pela autora da pesquisa (2025)

O Quadro 3 apresentado estabelece uma comparação direta entre as habilidades da BNCC para o 6º ano de Geografia com o livro didático SuperAÇÃO Geografia. Cada linha do quadro mostra uma habilidade da BNCC, seguida de sua descrição, indicando o que o documento oficial espera que os alunos desenvolvam ao estudar os aspectos e componentes físico-naturais presentes na superfície terrestre. Em seguida, na terceira coluna, apresenta-se a forma como o livro aborda essas habilidades, permitindo identificar na quarta coluna, o grau de atendimento entre o que é proposto pela BNCC e o que é efetivamente trabalhado nesse recurso didático.

A análise revela que algumas habilidades são plenamente contempladas pelo livro, especialmente aquelas relacionadas à leitura e representação do relevo, a exemplo, a EF06GE09, que exige que o aluno produza e interprete modelos tridimensionais e perfis topográficos. Neste caso, o livro didático demonstra forte relação, uma vez que apresenta mapas altimétricos, explica curvas de nível e propõe atividades de construção de perfis, o que favorece o desenvolvimento do pensamento espacial.

No que diz respeito às habilidades que foram atendidas parcialmente, por exemplo, a EF06GE01, EF06GE05 e EF06GE11, justifica-se porque apesar do livro introduzir processos de transformação do relevo por meio de atividades, nele não é aprofundado suficientemente as relações entre o relevo e os demais componentes físico-naturais e sociais, deixando ao cargo do professor estabelecer essas articulações. Por fim, a habilidade EF06GE04 é a única atendida indiretamente, pois, embora não seja tratada diretamente na sessão 8 sobre o relevo,

neste ainda se encontra suporte conceitual para serem explorados posteriormente na próxima sessão.

Assim, ao comparar o conteúdo trabalhado na sessão específico com as habilidades previstas na BNCC, percebe-se que esse alinhamento ocorre em sua maior parte de maneira parcial. Embora os conceitos fundamentais sejam apresentados de forma clara e objetiva, acompanhados de recursos visuais variados, a abordagem mantém-se predominantemente descritiva e generalista, com foco nas formas de macroescala do relevo e pouca articulação com os conceitos de microescala, com os processos dinâmicos que moldam a superfície e até com as relações entre sociedade e natureza.

Essas limitações aproximam-se das problemáticas já discutidas pela literatura especializada, a exemplo, Jesus e Morais (2017); Sala (2018); Cunha e Leite (2019); Silva e Alves (2022) e Bertolini (2010) que indicam em suas obras, preocupação com a forma como o relevo é frequentemente reduzido as meras descrições nos livros didáticos, em vez de ser explorados de maneira integrada e significativa.

Na visão de Bertolini (2010), os livros didáticos de Geografia apresentam o relevo em uma abordagem macroescalar, o que ocasiona superficialidade das explicações sobre sua gênese e dinâmica, contribuindo ainda para uma concepção estritamente vinculada à noção de “espaço natural”. Tais questões também se manifestam no livro analisado, que apesar de cumprir parcialmente as orientações da BNCC, reforça uma visão naturalizada do relevo e deixa de certa forma lacunas mediante a compreensão dos processos geológicos, das interações entre sociedade e natureza, até mesmo a contextualização do espaço de vivência dos alunos.

Dessa forma, conclui-se que, embora o livro didático SuperAÇÃO Geografia ofereça bases importantes para o ensino do relevo no 6º ano, ele não contempla integralmente as exigências formativas previstas na BNCC, tão pouco supera as problemáticas apontadas pela literatura. Esse resultado reforça a necessidade de práticas pedagógicas complementares, capazes de aproximar o conteúdo da realidade local dos alunos, buscando ampliar a sua compreensão processual do relevo e favorecer uma aprendizagem significativa, ou seja, objetivos que fundamentam a proposta deste trabalho, especialmente na questão do uso das maquetes de relevo como sendo um recurso eficaz no ensino de Geografia.

CONCLUSÕES

Diante a discussão do trabalho, compreende-se que, embora a BNCC e o livro didático reconheçam a importância do relevo no ensino de Geografia, sua abordagem ainda apresenta limitações que podem comprometer a construção de uma compreensão mais aprofundada por parte dos alunos. A análise do documento evidenciou que, apesar de contemplar o conteúdo, ainda apresenta de forma ampla e pouco detalhada, o que acaba refletindo nas práticas pedagógicas e nos recursos utilizados em sala de aula.

Quando se trata da análise do livro didático utilizado no 6º ano da Escola Maria Dia Ibiapina confirmou que o conteúdo do relevo, embora alinhado às orientações gerais da BNCC, é trabalhado de maneira superficial e, em alguns momentos, distante da realidade vivenciada pelos alunos. Essa situação reforça a necessidade de ampliar as estratégias de ensino, incorporando práticas pedagógicas que favoreçam a contextualização e a construção significativa do conhecimento geográfico.

AGRADECIMENTOS

A primeira autora agradece à Universidade Estadual Vale do Acaraú pela oportunidade de formação acadêmica e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudo.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

AFONSO, Anice. SANTOS, Alexandre Antônio de Mello. LIMA, Raphael. SILVA, Telma Mendes da. **Geomorfologia Geral**. v.1. /– Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2014.

ALBUQUERQUE, F. N. B. A geobox como modelo didático concreto tridimensional no ensino de Geografia. **Revista Internacional de Direito Ambiental**, v. 14, p. 289-304, 2022.

ALBUQUERQUE, F. N. B. Modelos didáticos concretos tridimensionais: definição e classificação aplicadas ao ensino de Geografia Física e dos componentes físico-naturais da Geografia escolar. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, p. 164-188, 2023.

BERTOLINI, William Zanete. **O ensino do relevo: noções e propostas para uma didática da geomorfologia**. 2010.

BERTOLINI, William Zanete; VALADÃO, Roberto Célio. A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos. **Terræ Didática**, v. 5, n. 1, p. 27-41, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GOULART, Ligia Beatriz. A questão do livro didático em Geografia: elementos para uma análise. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 16, n. 1, 1988.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. – Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensinar e aprender Geografia: elementos para uma didática crítica**. Goiânia: C&A Alfa Comunicações, 2024.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia**. São Paulo. 2ª Edição – **Revista e ampliada**. Editora Blucher, 1980.

CLAUDINO-SALES, Vanda. **Diálogos sobre a Geomorfologia Brasileira: trajetórias de pesquisas**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.

COSTELLA, Roselane Zordan. Nas entrelinhas do Livro Didático: a voz e a visibilidade do aluno. **O livro didático de geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017. P. 177-190, 2017.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias; LEITE, Cristina Maria Costa. A abordagem dos componentes físico-naturais na geografia escolar. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 504-517, 2019.

DEL GAUDIO, Rogata Soares. Geografia do Brasil: a construção de um corpus escolar. **Revista Geografias**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 40-54, 2013.

FELTRIN, Laura Maria Ortiz. **Jogos pedagógicos e aula de campo: uma proposta de sequência didática para o ensino dos conteúdos físico-naturais em geografia**. 2021.

FERREIRA, Fátima Leiliana Sales; LIMA, Ernane Cortez. Aportes teórico-metodológicos para construção da temática físico natural de relevo no ensino de Geografia. **William Morris Davis - Revista de Geomorfologia**, v. 5, n. 3, setembro de 2024, p. 205-219. <https://doi.org/10.48025/ISSN2675-6900.v5n3.2024.667>

FERREIRA, Lorena Raniely. **O estudo do relevo: operacionalização de processos, conceitos e interpretações do vivido**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

GARCIA, Valquíria; MARTINEZ, Rogério; GARCIA, Wanessa. **Geografia: manual do professor – 6º ano**. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2022.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

JESUS, Edson Oliveira. **A aula expositiva dialogada como procedimento metodológico para a abordagem da temática relevo na geografia escolar**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia). Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, 2017.

JESUS, Edson Oliveira de; MORAIS, Eliana Marta Barbosa de. O Ensino do Relevo na Geografia Escolar. Relief Teaching In School Geography. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 2, p. 29-48, jul.- dez. 2017.

LIMA, M. C. B.; TELES, G. A.; COPATTI, C. Neoliberalismo e reforma do ensino médio no Ceará: reflexões sobre o ensino de geografia. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, [S. l.], v. 23, n. 9, p. e11476, 2025. DOI: 10.55905/oelv23n9-088. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/11476>. Acesso em: 9 abr. 2026.

MARQUES, Jorge Soares. Ciências geomorfológicas. In: GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. (Org.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 23-50, 1994.

MENEGUZZO, Isonel Sandino; MENEGUZZO, Paula Mariele. O relevo terrestre nos livros didáticos de geografia do 6º ano do ensino fundamental. **Revista Didática Sistemática**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 21–31, 2014.

MORAIS, E. M. B. de. **O ensino das temáticas físico-naturais na Geografia escolar**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade de São Paulo, 2011.

NOVAIS, G. S. de. **O ensino do relevo na Geografia escolar: contribuições para a abordagem das microformas**. 2018. 186f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Goiás, 2018.

PINHEIRO, Isadora; LOPES, Claudivan Sanches. A Geografia na Base Nacional Comum Curricular. **Geo Uerj**, n. 39, p. e45521-e45521, 2021.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núbia Hanglei. A formação docente e o ensino superior. **Para ensinar e aprender geografia**, v. 3, p. 87-105, 2009.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geografia: a genealogia de um saber**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SALA, Marcos Elias. Cartografia do relevo no Ensino Fundamental: análise de práticas em sala de aula e propostas didáticas. Tese de doutorado. **UNESP Rio Claro**. Rio Claro, 2018.

SANTOS, Larissa Anjos; LUIZ, Edna Lindaura. Ensino dos conteúdos sobre relevo na Geografia Escolar: análise de uma coleção de livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental. **Geografia (Londrina)**, v. 28, n. 2, p. 233-248, 2019.

SILVA, Ricardo Faria; ALVES, Adriana Olívia. Maquete geográfica como proposta didática para abordagem do componente físico natural- relevo no ensino de geografia: **Élisée - Revista de Geografia da UEG**, [S. l.], v. 11, n. 02, p. e112228, 2022.